Foto: Brasil2016.gov.br

Ciclismo Adaptado

INTELIGÊNCIA ESPORTIVA

MINISTÉRIO DO ESPORTE

BRASIL GOVERNO FEDERAL

Entenda

O ciclismo adaptado é uma modalidade paradesportiva que, atualmente, destina-se a deficientes visuais, amputados, paraplégicos, tetraplégicos, paralisados cerebrais e *les autres*. Segue as mesmas regras do ciclismo olímpico, regidas pela União Internacional de Ciclismo (UCI), e suas adaptações – decorrentes das necessidades diferenciadas dos competidores devido as suas deficiências – são normatizadas pelo Comitê de Ciclismo do Comitê Paralímpico Internacional (IPC).

Existem no paraciclismo quatro tipos de bicicletas, que são usadas de acordo com a deficiência apresentada pelo competidor. As bicicletas convencionais são utilizadas por indivíduos com condições neurológicas leves, paralisados cerebrais, amputados ou outros, que consigam pedalar uma bicicleta comum. Os triciclos destinam-se a paratletas paralisados cerebrais ou com condições neurológicas mais graves e que não pedalam uma bicicleta convencional. As *tandem* servem aos competidores deficientes visuais e possuem dois bancos: no da frente vai um acompanhante, sem deficiência, e o paratleta senta-se no banco traseiro. O último tipo é a *handbike* que é manipulada pelas mãos e não pelos membros inferiores do desafiante e este pode ser amputado de uma ou duas pernas, paraplégico ou tetraplégico.

A nomenclatura das classes de deficientes é feita da seguinte maneira: B são ciclistas com deficiência visual, podendo ser B1, B2 ou B3; H são paratletas que utilizam *handbike* e vai do número 1 ao 5 (do 1 ao 4 competem deitados, os atletas do 5 competem ajoelhados); T são os competidores que usam triciclos e classificam-se em T1 ou T2; e C são atletas de bicicleta normal com numeração de 1 a 5. Em todas as categorias os números menores indicam indivíduos com maior comprometimento, consequentemente, os números maiores significam menor grau deficiência.

Em relação às provas do ciclismo adaptado, estas podem ocorrer na estrada (chegando até 120 km) ou em pista (entre 250 km e 325 km). Na estrada há provas para todos os tipos de bicicletas. A saber, são as seguintes: de estrada, contra-relógio individual e *handcycling*. Em pista, apenas é possível o uso das bicicletas comuns ou das *tandem*. As provas são: *tandem sprint* (apenas para homens), *sprint* por equipes, 500 m ou 1 km contra-relógio e perseguição individual.

O ciclismo adaptado é um paradesporto bastante admirado e que cresce cada vez mais em número de adeptos por todo o mundo. Promove a integração de seus praticantes, inclusive com atletas da modalidade convencional, já que é possível o treinamento em conjunto, com atletas e paratletas. No âmbito fisiológico, aumenta a força, resistência e velocidade dos praticantes. No âmbito psicológico, incentiva a superação e o desenvolvimento da perseverança, propiciando melhora da autoconfiança, independência e bem estar.

De um novo veículo de transporte a uma modalidade paradesportiva

Representação das primeiras bicicletas, ainda sem os pedais. Disponível em: <http://www.culturamix.com/cultura/curiosidades/bicicleta-dois-lugares>

A modalidade olímpica do ciclismo só pôde ser iniciada após a popularização da bicicleta, por razões óbvias. Sobre a criação desta, sabe-se que o alemão Karl von Drais foi o primeiro a patentear uma, em 1817. Algumas décadas depois, em 1855, o francês Ernest Michaux criou uma bicicleta com pedais e foi seguido pelo irlandês John Boyd Dunlop, que criou o pneumático (1888).

Após a invenção da bicicleta mais básica pelo alemão, um escocês, Kirkpatrick MacMillan, em 1842, resolveu apostar uma corrida com um cocheiro de uma carruagem para ver quem fazia o trajeto Glasgow-Carlisle (161 km) mais rapidamente, o seu novo veículo ou a carruagem. Os europeus estavam gostando da novidade

e os constantes desafios e logo resolveram padronizar regras, criando um novo esporte, o ciclismo. Já em 1869 foi realizado o primeiro campeonato internacional, na França. Em 1890, também na França, em Paris, foi construído o primeiro velódromo. Graças ao sucesso da modalidade esportiva, ela pôde estar presente nos primeiros Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896.

Já o desporto adaptado demorou quase um século para surgir. Isto ocorreu apenas na década de 1980 e, inicialmente, era praticado apenas por paratletas deficientes visuais. Pouco tempo depois, os deficientes físicos começaram a atividade também. Tanto que nos primeiros Jogos Paralímpicos no qual esteve presente a modalidade – em Nova Iorque, 1984 – participaram somente paralisados cerebrais. As provas de estrada foram adicionadas nos Jogos de Seul, em 1988. Em Atlanta, 1996, a classificação dos paratletas, de acordo com suas deficiências, tornou-se vigente. Outro marco para o ciclismo adaptado nas paralimpíadas foi à exibição das provas com *handbike* no ano 2000, em Sydney. Por isto, foi possível em 2004 que novas medalhas pudessem ser disputadas nas recentes categorias adicionadas.

Sobre os órgãos que regulamentam o paraciclismo, em 1989 foi fundado o IPC que objetivava inserir os valores paralímpicos na sociedade (determinação, coragem, igualdade e inspiração), bem como estimular os paradesportos e a excelência destes. Dentre os esportes adaptados existentes estava o ciclismo que passou então a ser regulamentado por esse comitê. Porém, após vários anos, o UCI (regulamentador do ciclismo olímpico), resolveu assumir a administração da modalidade – em fevereiro de 2007 – e o IPC se restringiu a normatizar as adaptações necessárias às classes existentes de deficientes.

Na atualidade, o ciclismo adaptado é uma das modalidades paralímpicas que faz muito sucesso com os admiradores dos esportes para deficientes. É também o terceiro colocado na lista dos paradesportos com maior número de provas nas paralimpíadas. Ao todo são 50 provas, 32 na estrada e 18 em pista. Sendo assim, trata-se de um dos mais tradicionais e importantes paradesporto.

Trajetória paralímpica

Como anteriormente relatado, a prática do ciclismo por pessoas deficientes teve início na década de 1980, apenas por deficientes visuais e cegos, utilizando bicicletas duplas. Pouco tempo depois em Nova Iorque e Stoke Mandeville, a modalidade estreou nos Jogos Paralímpicos, somente para atletas com paralisia cerebral. Nove países estiveram presentes nas disputas ciclísticas e apesar da superioridade numérica de atletas do sexo masculino, as mulheres também participaram. Inclusive vale ressaltar a conquista da medalha de ouro pela atleta canadense Leslei Lord, que foi decisiva para colocar o Canadá em terceiro lugar geral na modalidade. Em primeiro lugar ficou a Noruega, com três medalhas de ouro e uma de prata; seguida pela França, com duas medalhas de ouro. Esta foi a única vez em que a Noruega figurou entre os três melhores.

Em Seul (1988), existia uma expectativa relacionada aos países que obtiveram destaque na edição anterior, porém apenas o Canadá e a França conseguiram se manter no topo do esporte, pois, a até então campeã, a Noruega, não conquistou nenhuma medalha no Jogos terminando a competição em último lugar. Canadá e França, alternaram as colocações e a grande campeã foi a Coreia do Sul.

Barcelona (1992) marcou uma nova era no cenário mundial, depois de alguns anos sofrendo com intempéries políticos como os constantes boicotes, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos obtiveram sucesso, agradando o público espectador, a mídia e a crítica especializada. O Canadá repetiu a marca de 1984, terminando em terceiro lugar, sendo o único país a se manter entre os três melhores desde a primeira edição. A Alemanha foi a grande vencedora, seguida pelos Estados Unidos da América (EUA). Posteriormente, o melhor resultado da Alemanha foi o terceiro lugar em Pequim (2008).

A inclusão significativa de mais deficiências no programa paralímpico ocorreu em Atlanta (1996). Atletas com paralisia cerebral, deficiência visual, amputados e outras deficiências tiveram garantido o seu

espaço no evento. Também foi marcado por disputas acirradas entre a Austrália e a França: ambas conquistaram cinco medalhas de ouro, consequentemente, o resultado final foi decidido nas medalhas de prata e a Austrália foi superior, deixando a França em segundo lugar seguida pela Itália. A Austrália repetiu o feito em Sydney (2000) e Atenas (2004), mantendo-se como soberana na modalidade, a maior medalhista do paraciclismo até os dias atuais. Porém o país da Oceania não conseguiu se manter como melhor do mundo. Em Pequim (2008) surgiu uma nova potência, a Grã-Bretanha, que teve uma campanha avassaladora, conquistando 17 medalhas de ouro, maior conquista de ouros já alcançada na modalidade em uma única edição dos Jogos Paralímpicos. Os EUA repetiram a sua melhor colocação nos jogos, a segunda posição, seguida pela Alemanha. Em Londres (2012) não foi diferente para os norte-americanos, a sina que começou em Barcelona (1992), repetindo-se em 2000, 2008 e em 2012, o segundo lugar, seguido pela China que pela primeira vez figurou entre os três melhores. A grande vencedora foi a Grã-Bretanha, tornando-se bicampeã, obtendo mais uma vez um grande número de medalhas, no total 22, duas a mais do que em Pequim (2008).

A modalidade teve um crescimento significativo, alguns dados numéricos obtidos no site oficial do IPC mostram esta evolução. Na primeira participação do paraciclismo nas Paralimpíadas de Nova Iorque e Stoke Mandeville, nove nações foram representadas, em Sydney (2000) já eram 25 e em Londres (2012) foram 48, isso comprova a popularidade e a aceitação desta modalidade que – representa – ao lado do atletismo e da natação – uma das grandes distribuidoras de medalhas das Paralimpíadas. Em 2016, no Rio de Janeiro, certamente será uma das modalidades mais esperadas pelos apreciadores do paradesporto.

Fez história

Conquistando o ápice do ranking mundial – UCI *roads* – a equipe italiana fez história no ciclismo paralímpico, com o recorde de nove medalhas de ouro nas provas de estrada. Ultrapassando os favoritos, Alemanha e EUA. Um dos destaques da equipe é Giorgio Farroni (MT2), medalhista de prata na prova de estrada nas Paralimpíadas de Londres (2012). Nascido em 1976, com paralisia cerebral, conquistou em toda a sua carreira 26 medalhas: oito de ouro, sete de prata e 11 de bronze.

Giorgio Farroni, medalhista de prata nas Paralimpíadas de Londres (2012). Disponível em: <http://www.ilrestodelcarlino.it/ancona/sport/ciclismo/2012/09/08/769402-paralimpiadi-londra-2012-farroni-argento.shtml>

No último Mundial a sua participação foi honrosa, pois estava na liderança quando deslizou na última curva. Ainda assim, cruzou a linha de chegada carregando o triciclo nos ombros, terminando a prova na terceira colocação. Sua força, comparada a dos grandes nomes do ciclismo convencional, é um exemplo para sua equipe.

Potência paralímpica

O selecionado diferencial no referido paradesporto é a Grã-Bretanha, devido às conquistas memoráveis da paratleta Dame Sarah Joanne Storey. Nascida em 1977, com uma disfunção da mão esquerda (causada, por estrangulamento do cordão umbilical), Storey está entre as atletas mais condecorada da Grã-Bretanha, pois no total são 11 medalhas paralímpicas. Antes da sua carreira no ciclismo adaptado, Sarah já competia como paratleta de natação. Participou como nadadora das edições paralímpicas de Barcelona (1992), na qual ganhou cinco ouros; em Atlanta (1996), Sydney (2000) e Atenas (2004), porém, a interrupção da sua carreira foi inevitável, pois teve uma grave infecção no ouvido. Ao ingressar no ciclismo, participou das Paralimpíadas de Pequim (2008), obtendo três ouros nas provas de pista e três nas de estrada. Repetindo exatamente o mesmo resultado em Londres (2012). Sarah também

Sarah Storey, medalhista de ouro em Londres (2012). Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk>

compete no ciclismo convencional, participou da Copa do Mundo da União Internacional de Ciclismo (UCI). Tais conquistas lhe concederam as seguintes titulações: *Member of the Most Excellent Order of the British Empire* (MBE), no ano de 1998; e, logo após tornar-se campeã em Pequim (2008), passou a ser intitulada *Officer of the Most Excellent Order of the British Empire* (OBE); por fim, no ano de 2013, recebeu a condecoração de *Dame Commander of the Order of the British Empire.*

De olhos neles

Fazendo parte da equipe italiana de ciclismo paralímpico, o ex piloto da Fórmula 1 Alex Zanardi, nascido no dia 24 de outubro de 1996, vem apresentando muita determinação nessa nova modalidade. Iniciando suas experiências dentro desse esporte somente no ano de 2007, o italiano, já no mesmo ano, conseguiu a quarta colocação na Maratona de Nova York (EUA), sagrando-se campeão dessa mesma prova 4 anos depois, sendo convidado, então, para tomar parte da seleção paralímpica da Itália. No ano de 2012, em Londres, o paratleta conquistou o primeiro lugar na categoria individual H4 contra-relógio, já nos anos de 2013, 2014 e 2015 participou do *Road World Championships*, conquistando no contra-relógio, três medalhas de ouro, no *road race,* dois ouros e uma medalha de prata.

O ex piloto, com passagens por equipes de destaque, como a Williams, sofreu um acidente no ano de 2001 na Fórmula Indy, no circuito oval de Lausitzring, na Alemanha, quando, após deixar os boxes em alta velocidade, perdeu o controle do carro que acabou rodopiando desgovernadamente na pista, sendo atingido lateralmente pelo veículo do piloto Alex Tagliani a uma velocidade aproximada de 320 km/h. Zanardi foi atendido pela equipe de socorro dentro da própria pista. Mais tarde os socorristas relatariam que ele já se encontrava sem as pernas. A caminho do hospital, o paraciclista se encontrava com apenas 25% de sangue no corpo e também teve que ser reanimado sete vezes. Por fim, realizou três horas após esse trágico ocorrido o processo cirúrgico. Dois anos após o acidente, Alex Zanardi competiu no Campeonato Mundial de Turismo, com um carro adaptado as suas peculiaridades, sendo prestigiado com o prêmio *Laureus World Sports Awards*.

Como afirmado, o italiano iniciou a sua carreira paraciclística no ano de 2007, dividindo os treinos entre o automobilismo adaptado e o paraciclismo. Em 2009, decidiu se dedicar exclusivamente ao ciclismo adaptado. O paratleta tem o objetivo de defender o seu desempenho de Londres (2012) nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

"Winning in London was great, but the three years of preparation leading up to the Games were the real value because I was living my passion, doing what I really choose to do. I didn't jump on my bike because I wished to win in London, I won because I simply wanted to ride my bicycle."

"Ter vencido em Londres foi ótimo, mas os três anos de preparação que antecederam os Jogos foram de grande importância porque eu estava vivendo a minha paixão, realizando o que eu escolhi fazer. Eu não comecei a utilizar a minha bicicleta porque eu queria vencer em Londres, eu venci porque eu simplesmente queria pedalar a minha bicicleta".

Brasil – em busca do ouro paralímpico

Para descrever o desenvolvimento do paraciclismo no Brasil é necessário reverenciar um nome, o de Rivaldo Gonçalves Martins, pois este foi o atleta responsável por colocar o paraciclismo brasileiro, no cenário internacional. Foi nas Paralimpíadas de Barcelona (1992), que o atleta, nascido em Santos/SP, levou o país a sua primeira participação. Este foi só o início da vitoriosa carreira de Martins. Dois anos depois, o mesmo paratleta colocou o Brasil no topo do Campeonato Mundial na Bélgica (1994), além de se tornar campeão mundial, Rivaldo também foi recordista da prova contra-relógio individual (20 Km). Em Atlanta (1996), o mesmo atleta voltou às Paralimpíadas, mas não obteve bons resultados neste evento. Porém havia se tornado a maior referência da modalidade no Brasil, tendo em vista que a sua trajetória serviu de exemplo para outros paratletas que surgiram posteriormente. Tanto que em 1998, no Mundial dos EUA, a seleção brasileira tinha mais integrantes – ao lado de Martins outros três atletas participaram do evento, Alexandre Senna, Alarico Alves e Roberto Carlos Silva.

Luciano da Rosa e Edson Rezende, bronze no Parapan-Americano em Toronto (2015). Disponível em: <www.esporte.gov.br>

Após esse evento, a equipe brasileira esteve presente em todos os jogos paralímpicos e mundiais da modalidade. O melhor resultado nas paralimpíadas, foi em Pequim (2008), com a conquista do quarto lugar pelo paratleta Soelito Gohr. Gohr também foi o responsável pela conquista do ouro no Mundial de Bogogno na Itália, além de uma medalha de bronze no mesmo evento. Soelito repetiu o feito, vencendo o Mundial do Canadá em 2010. Rivaldo Martins e Soelito Gohr são os dois grades nomes representantes da modalidade no Brasil, outros títulos desses veteranos foram: ouro no Parapan-Americano em Mar del Plata(2003) por Rivaldo Martins; e o Parapan-Americano *Open* de ciclismo em Cali e Palmira (2007), e o Parapan-Americano de Guadalajara (2011), por Soelito. Além dos dois, o Brasil também contou com a presença de outros atletas que também contribuíram para a evolução e desenvolvimento do paradesporto no país.

A Confederação Brasileira de Ciclismo é a instituição que administra o paraciclismo no país, promovendo diversos eventos anualmente, inclusive o Campeonato Brasileiro, que é um dos principais eventos para selecionar atletas para as grandes competições internacionais. Atualmente a seleção brasileira, dirigida pelo técnico Claudio Civatti, conta com diversos talentos em ascensão, como por exemplo: Luciano da Rosa e Edson Rezende, medalhistas de bronze no Parapan-Americano em Toronto (2015). Entre as mulheres destacam-se Jady Malavazzi, tetracampeã brasileira e Silvana Chimionato, que obteve bons resultados em 2015.

Para as Paralimpíadas do Rio de Janeiro (2016), algumas vagas ainda estão abertas, e devem ser preenchidas em breve. O maior objetivo de todos os membros da delegação brasileira é conquistar em "casa" a primeira medalha paralímpica da modalidade. Esse também é o desejo de todos os brasileiros envolvidos com o paradesporto.

Nosso destaque

Conquistando a última etapa da Copa Brasil de Paraciclismo em 2015 – tornando-se pentacampeã, na prova mais importante do país – a paratleta Jady Malavazzi, competidora das provas de estrada e contra-relógio, na categoria H3, aumenta as chances da equipe brasileira obter medalhas nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro. Nascida em 1994, a paranaense de Jandaia do Sul, ingressou no paradesporto em 2011. O ciclismo veio como uma alternativa de reabilitação, pois, aos doze anos de idade, foi vítima de um acidente de carro, que a tornou dependente de uma cadeira de rodas para se locomover,

Jady Malavazzi, no Campeonato Mundial de Paraciclismo (2014). Disponível em: < http://fpciclismo.org.br/2014/12/paratleta-do-clube-de-ciclismo-de-sao-jose-dos-campos-conquista-tetracampeonato-brasileiro/>

devido a uma lesão medular. Mas, para a sua surpresa, o paradesporto trouxe mais resultados do que o esperado. Já no primeiro campeonato brasileiro, por exemplo, ficou com a primeira colocação. O que lhe trouxe a oportunidade de representar o Brasil nos Jogos Parapan-Americanos, de Guadalajara, em 2011, sagrando-se vice-campeã. Atualmente Jady treina no clube São José dos Campos (SP) e conta com o patrocínio da VEMEX, Caixa Loterias, Bodytech academia, e está entre o Top dez do ranking mundial de ciclismo adaptado.

Josimar Sena. Disponível em: <https://www.facebook.com/josimar.sena.5/about>

Josimar Sena, companheiro de Jady na equipe de São José dos Campos, terminou a última etapa da Copa Brasil de Paraciclismo em terceiro lugar, também na categoria H3, na prova contra-relógio. Josimar nasceu em 1984, coincidentemente, no mesmo ano da estreia da modalidade nas Paralimpíadas. Já convocado para a seleção brasileira paralimpíca, espera-se que o paraciclista consiga representar bem o paísnos Jogo do Rio de Janeiro (2016).

Para saber mais

BRITISH CYCLING
<https://www.britishcycling.org.uk/disability/article/20150812-disability-static-content-About-para-cycling-0>

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION
<http://paralympics.org.uk/paralympicsports/cycling>

CLUBE DE CICLISMO
<http://www.clubedeciclismosjc.com.br/exibe_atleta.asp?codigo=74>

FEDERAZIONE CICLISTICA ITALIANA
<http://magliaazzurra.federciclismo.it/it/article/2015/08/03/paralimpici-italia-padrona-ai-mondiali-di-nottwil/5fc096dc-e45f-4e59-a3db-bcfaa4eb4b4c/>

FEDERAÇÃO PAULISTA DE CICLISMO
<http://fpciclismo.org.br/2015/04/paratletas-do-clube-de-ciclismo-de-sao-jose-dos-campos-conquistam-podios-na-copa-brasil/>

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE
<https://www.paralympic.org/cycling>

MELLO, M.C.; WINCKLER, C. Esporte Paralímpico. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

TEAM USA
<http://www.teamusa.org/home/us%20paralympics/sports/cycling.aspx>

TOTAL WOMENS CYCLING
<https://totalwomenscycling.com/people/sarah-storey/#mlAAxJqF4xACPk7g.97>

UNION CYCLISTE INTERNATIONALE
<http://www.uci.ch/>

VIDEOS PARALÍMPICOS
<http://videosparaolimpicos.blogspot.com.br/2009/08/historia-do-ciclismo-paraolimpico.html>